



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

QUANDO O QUINTAL EDUCA E TRANSFORMA: EXPERIÊNCIA DA REDE XIQUE XIQUE DE COMERCIALIZAÇÃO

Carine de Jesus Santos; Cimone Rozendo de Souza

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

cariny.santos@gmail.com; cimone.rozendo@gmail.com

Resumo: O artigo tem como proposta apresentar resultados da pesquisa de mestrado, que teve como estudo, os processos educativos de caráter não formal desenvolvidos a partir do fomento aos grupos de mulheres que compõem a Rede Xique Xique de Comercialização, pelo projeto rede de economia solidária e feminista do Rio Grande do Norte. Observamos que os espaços do quintal, da feira agroecológica, das reuniões, das oficinas e outros espaços de participação, foram apontados como lugares de formação, onde as mulheres adquirem e desenvolvem novas habilidades e conseguem se expandir, a partir do trabalho enquanto princípio educativo. Para tanto, a pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, onde utilizamos entrevistas semiestruturadas e observação participante, para coleta de dados. Como resultados percebemos que as práticas educativas se configuram como fator importante para o desenvolvimento da condição de agente das mulheres, pois elas passam a assumir-se como sujeitas, conscientizando-se que precisam fazer mudanças necessárias para assumir essa nova condição. A participação e o engajamento aparecem como elementos resultantes dos processos vivenciados no espaço da rede e em outros espaços de participação, o que possibilita a essa mulher assumir uma postura mais ativa nas relações com sua família, sua comunidade e seu grupo. A economia solidária ainda se apresenta como um espaço de inclusão social para as mulheres, mesmo reproduzindo em certa medida a divisão sexual do trabalho e neste sentido o feminismo vem qualificando essas práticas trazendo para esfera pública a importância dos trabalhos domésticos e de cuidados como uma tarefa a ser partilhada por toda sociedade.

Palavras-chaves: Educação não formal, redes, mulheres rurais.

Introdução

Esta pesquisa buscou analisar as ações desenvolvidas pelo projeto Rede de Economia Solidária e Feminista do Rio Grande do Norte¹ (RESF/RN), no campo

da educação não- formal, com mulheres que participam de grupos produtivos que fazem parte da Rede Xique Xique de Comercialização (RXX).

¹ A criação do projeto RESF/RN surgiu como ampliação do projeto Brasil Local – Economia Solidária em Desenvolvimento, desenvolvido no período de 2010 a 2012, integrante de uma das ações da SENAES – Secretaria

Nacional de Economia Solidária – do MTE – Ministério do Trabalho e Emprego, voltado para o mapeamento e formação em economia solidária e feminista de grupos produtivos de mulheres. Este trabalho foi desenvolvido pela Guayi, organização social, com sede central em Porto Alegre/RS.





XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

A modalidade de educação, aqui abordada, nos remete a formação ampliada dos sujeitos, trazendo a reflexão sobre outras formas e outros espaços de aprendizado, entendendo que o meio também educa, sem necessariamente dissociar a relação educando e educador.

Neste mesmo sentido, a proposta da economia solidária se inscreve no exercício de conscientização do indivíduo sobre seu papel social, buscando contribuir na construção de um outro jeito de se relacionar mais humanamente com as esferas econômica, ambiental, social, cultural e política.

A autogestão é um dos princípios fundamentais praticados na economia solidária e tem como característica o estabelecimento de relações mais igualitárias e de valorização entre homens e mulheres. Entretanto, ainda é muito difícil o seu exercício nos grupos solidários, pois mesmo agindo numa lógica contrária ao capital, neste contexto, as mulheres ainda continuam exclusivamente responsáveis pelos trabalhos domésticos e de cuidados, mesmo acumulando trabalho remunerado fora de casa (NOBRE, 2003).

Este cenário, ainda que contraditório, que segue reproduzindo, sobretudo, na esfera do trabalho, relações

que inferiorizam e tipificam o lugar da mulher, estabelecendo para estas, alguns limites, ainda assim, demonstra ser um horizonte possível para construção de suas autonomias e participação social e política. A presença ativa feminina neste contexto reorienta a importância das mulheres na esfera econômica, colocando em pauta o trabalho reprodutivo como essencial para produção da vida, publicizando o espaço privado na sociedade, oportunizando assim uma outra leitura sobre as diferentes condições entre homens e mulheres na economia solidária, (re)significando-a (BONUMÁ, 2015).

Além da geração de renda feminina, os benefícios sociais provenientes da independência da mulher trazem mais impactos para a família do que as ações decorrentes das liberdades alcançadas pelos homens, principalmente pelo fato de conseguir dedicar seus esforços as duas esferas, produtiva e reprodutiva de forma simultânea, garantindo bem estar para todos que estão próximos, em menor escala para ela própria. Nesse sentido a condição de agente das mulheres se constitui como um dos principais requisitos para sua mudança social, refletindo principalmente no uso de sua liberdade individual e nas suas relações





XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

sociais (SEN, 2010).

A educação não formal e a economia solidária valorizam a liberdade de escolha dos indivíduos, coincidindo com a proposta de Sen (2010) que defende a liberdade como a possibilidade das pessoas, em especial as mulheres, assumirem uma postura mais ativa, comportando-se de acordo com seus valores e princípios.

Neste sentido, esta pesquisa objetivou verificar como as práticas educativas, oportunizadas pela RESF, se propunham contribuir para o exercício da participação social e política das mulheres.

Procurando relacionar a economia solidária e o desenvolvimento como liberdade escolhemos o estudo de um caso, que traz em seu cotidiano o exercício da educação não-formal, através da educação popular em uma experiência prática.

Para coleta de dados realizamos entrevistas com as mulheres dos grupos auto-organizados situados em assentamentos e unidades familiares das zonas rurais dos municípios de São Miguel do Gostoso, Mossoró, Tibau e Grossos, no Rio Grande do Norte.

Além das entrevistas e a participação da pesquisadora em reuniões, oficinas, encontros e seminários, também

foi realizado um levantamento bibliográfico no acervo da RXX e da RESF, a fim de coletar materiais e conteúdos sistematizados que enriquecessem a pesquisa.





XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Por dentro da Rede Xique-Xique de Comercialização Solidária

A Constituição da Rede Xique Xique de Comercialização esta atrelada diretamente a história do grupo de mulheres Decididas a Vencer, localizado no assentamento Mulungunzinho, em Mossoró/RN. As mulheres buscavam formas de gerar renda e optaram por produzir hortaliças sem o uso de agrotóxicos, todas já produziam individualmente para o consumo em seus quintais e o próximo passo foi se organizar coletivamente para comercialização. No ano de 1999, junto com o apoio de instituições de ensino e entidades locais, decidiram fundar uma associação informal, denominada APT (Associação dos Parceiros e Parceiras da Terra) com a intenção de escoar a produção sem a interferência de atravessadores ou intermediários, constituindo um grupo de "prossumidores²", que retiravam suas cestas mensalmente por um valor fixo, em

² Nesta economia de prossumidores, a regulação ocorre através de debates públicos concretos no espaço associativo, num exercício de democracia local em que os próprios moradores planejam e decidem sobre a oferta de produtos e/ou serviços em função das demandas efetivas identificadas precedentemente por eles próprios (FRANÇA FILHO, 2007, p. 14).

espaços cedidos por instituições parceiras, como o Centro Feminista 8 de março, AACC-RN, Terra Viva e Visão Mundial, em Mossoró. Com o passar do tempo, grupos de áreas de assentamento de outros municípios como Baraúna, Apodi e Tibau também começaram a enviar seus produtos para serem comercializados no mesmo espaço, aumentando as demandas das transações comerciais. O surgimento do Espaço de Comercialização Xique Xique, em 2003, foi inevitável.

O desejo das idealizadoras, de Mulungunzinho, foi mantido, o que estava em curso de construção não era apenas um espaço meramente para vendas de produtos, mais um espaço de comércio e de formação, apoiado nos pilares da agroecologia, economia solidária e feminismo como princípios políticos norteadores. A experiência foi ganhando contornos expressivos, com a oferta de uma diversidade de produtos e o que acabou fortalecendo fluxos comerciais nos municípios de origem. A partir daí os núcleos descentralizados da RXX, começam a se formar, incorporando o sentimento de uma articulação em rede.

Em 2004 foi criada a Associação de Comercialização Solidária Xique Xique, ampliando as estratégias da rede e se

www.redor2018.sinteseeventos.com.br





XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

materializando através de feiras agroecológicas e espaços de comercialização. Em 2005 com a formalização jurídica da associação passam a acessar também, programas governamentais, editais de apoio, e parcerias que exigiam essa formalização.

A Rede Xique Xique de comercialização é composta em sua maioria por grupos rurais presentes em 4 regiões do Rio Grande do Norte, na região Açu/Mossoró, na região do Sertão do Apodi, na região do Mato Grande e nas Terras Potiguaras.

A rede constituiu um conselho de certificação que tem o papel de deliberar a cerca do Sistema Participativo de Garantia (SPG)³, uma das três modalidades de

certificação orgânica previstos pela legislação brasileira, caracterizado pelo controle social e pela responsabilidade solidária, funciona como um tipo de certificação para atestar que os produtos são orgânicos, contraponto as metodologias de empresas certificadoras tradicionais. Outro aspecto importante da RXX são os processos de formação política que sempre fizeram parte da sua construção, como uma preocupação para que todos e todas compreendam os processos que vivenciam e são parte. Através da participação nesses espaços, as mulheres passaram a se sentir mais valorizadas, fortalecendo sua auto-estima junto com outras companheiras, compartilhando situações diversas, desde conquistas, dificuldades, avanços e problemas.

O apoio da RESF vem contribuindo para ampliar as potencialidades da RXX, priorizando a realização de ações voltadas para formação e capacitação dos grupos de mulheres de forma qualificada, a partir da educação popular, ao valorizar os saberes de cada uma e reconhecer o trabalho como princípio educativo.

³ **Princípios do SPG:** Confiança: é preciso que exista um sentimento de confiança e uma segurança íntima para que o desenvolvimento dos processos ocorram de forma clara e transparente.

Descentralização: a descentralização democratiza o acesso às informações, às tomadas de decisão da rede busca participação de todos e todas.

Organização de base: os núcleos são bases da existência de nossa rede.

Articulação em rede: é preciso que haja uma ligação entre os núcleos e entre as diversas redes de agroecologia existentes no país.

Adesão voluntária: é um processo de conhecimento e aceitação do sistema de garantia de forma não obrigatória.

Agroecologia, economia solidária e feminismo: são pilares sustentadores do sistema de garantia participativa da rede.

Economia solidária: para que a produção esteja ao alcance dos grupos que fazem economia solidária, os custos do processo de creditação deverão ser o mais barato possível, suficientes para garantir o processo.

Relações sociais: deveremos construir relações de respeito e solidariedade entre as pessoas e entre os grupos, independente de sexo, cor e orientação sexual, religião e etc. (Banco de dados da RXX).





XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Diversos fatores podem corroborar para o empoderamento das mulheres, especialmente o potencial para geração de renda, o papel econômico fora da família, a alfabetização e instrução e os direitos de propriedade, como afirma Sen (2010):

Trabalhar fora de casa e auferir uma renda independente a produzir um impacto claro sobre a melhoria na posição social da mulher em sua casa e na sociedade. Sua contribuição para a prosperidade da família, nesse caso, é mais visível, e a mulher também ganha mais voz ativa, pois depende menos de outros. Além disso, com frequência o emprego fora de casa tem efeitos "educativos", expondo a mulher ao mundo fora de sua casa, aumentando a eficácia

Convergências entre a Educação não formal e a Economia Solidária

É possível apreender das análises das informações coletadas nas entrevistas a percepção de como processos de aprendizagem desenvolvidos no campo da educação não-formal, junto a experiências associativas de economia solidária, possibilitam a seus participantes uma posição mais crítica e atuante, enquanto

de sua condição de agente. Analogamente, a instrução da mulher reforça sua condição de agente e tende a torná-la mais bem informada e qualificada nas decisões familiares (SEN, 2010, p. 223).

Quando as mulheres passam a compor a parcela da população que também trabalha fora de casa, suas vidas adquirem uma nova dinâmica, pois passam a ser relacionar socialmente em outros espaços da sociedade, acessam novas informações, contribuindo consideravelmente para as transformações no meio social, a partir da sua inserção, em contrapartida, aumentam sua jornada de trabalho.

cidadãs. Ao compreender seu papel político começam a participar mais, especialmente quando entendem o que está em questão é a reivindicação por direitos e pautas importantes para o seu desenvolvimento e de suas comunidades.

Relacionado a essa afirmação destacamos a própria experiência das mulheres pesquisadas, que a partir da participação em espaços políticos de suas comunidades, como as reuniões do FOPP⁴,

⁴Fórum de Participação Popular nas Políticas Públicas de São Miguel do Gostoso (BANCO DE





XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

puderam perceber, primeiro, que poderiam estar naquele espaço falando sobre suas ideias e opiniões, sendo consideradas, e segundo, a partir dessa participação, visualizaram a possibilidade de se organizar em grupo para comercialização de suas produções na Feira local de São Miguel do Gostoso, onde a maioria já produzia individualmente em seus quintais. Essa afirmação é evidenciada no relato de M3, agricultora, do Grupo Unidas Venceremos, do assentamento Paraíso, município de São Miguel do Gostoso/RN:

As reuniões do FOPP, aqui de São Miguel do Gostoso que é aonde se reúne as associações pra discutir problemas da comunidade ou que seja assentamento, e a gente começou a participar e a gente viu que a gente poderia formar grupo né pra ter uma renda individual do homem e a gente participando, participando, sei que conseguimos formar esse grupo, já tá há quinze anos (M3).

Nesse depoimento é possível perceber a interação de mais de um tipo de aprendizado, como: **prático** - quando compreende a importância de participar desse espaço de discussão política, **cultural** - quando entende que pode se

organizar em grupo com outras mulheres agricultoras para fortalecer suas lutas, **sobre a economia** - quando visualiza a possibilidade de gerar sua própria renda, **lingüístico** - quando compreende o que se passa ao seu redor e consegue se expressar e ser entendida, **social** - conseguem participar da dinâmica da reunião compreendendo suas etapas de acontecimento, **cognitivo** - compreensões sobre novos assuntos a partir da participação nos espaços políticos.

Além dos diversos aprendizados e do exercício do controle social nesses espaços, também se destaca o protagonismo das mulheres, que hoje conseguem refletir sobre propostas que consideram importantes para o bem estar dos moradores dos seus assentamentos e de suas famílias:

[...] Porque antigamente a gente não tinha o conhecimento de hoje que a gente tem, as participação de reunião fora, dentro do assentamento, hoje a gente como reconhecida, como chamada pra participar, e pra falar a verdade quem representa o assentamento são as mulheres. Lá na gente é assim, os homens pode ir na reunião lá, você conta um, dois, mas lá a sede dos agricultor é

DADOS DA RXX).

www.redor2018.sinteseeventos.com.br





XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

cheio, mas só de mulher. [...] Porque quando a gente vai em busca de algo lá fora, a gente consegue pra dentro do assentamento, né? Nas políticas públicas nós tamos de dentro, correndo atrás, brigando, é nosso, e nós tem direito, e a gente quer isso quer aquilo, e consegue (M3).

As mulheres demonstram compreender o sentido e a importância de estar nos espaços de decisão, contribuindo inclusive na construção de políticas públicas, além de se perceberem como agentes de algumas conquistas coletivas, em suas localidades.

Influência da Participação Social e Política: Contribuições na Construção da Autonomia

Segundo Rodrigues et al (2010) o trabalho das mulheres rurais está tão ou mais “para além da dupla jornada” que o das mulheres urbanas. Ele corre uma jornada contínua que vai do amanhecer ao anoitecer, confundindo-se as atividades domésticas e produtivas. Na maioria das vezes, as mulheres urbanas precisam sair de casa, pegar transporte para chegar no

seu local de trabalho, enquanto que as mulheres rurais geralmente trabalham no próprio quintal de casa. As autoras consideram que a insurgência de movimentos sociais em contextos rurais, tem sido cenário para novos estudos sobre as mulheres, corroborando para seu empoderamento coletivo.

Gohn (2014) destaca o sentido educativo da participação, a qual, como prática educativa, forma cidadãos voltados para os interesses coletivos e para as questões da política. Para ela, a participação tende a aumentar à medida que o indivíduo participa, ela se constitui num processo de socialização e faz com que, quanto mais as pessoas participam, mais desejem continuar neste caminho, como podemos perceber no depoimento de M7:

A gente vende em pequenas comunidades por não saber muito a leitura, tem muitas que não querem participar. Acho que as capacitações e as formações são fundamentais pra que a gente possa realmente crescer como pessoa. Se a gente não tiver isso nas nossas vidas, acho que a gente não consegue sair daquele mundinho que a gente tá acostumado, só mundinho comunidade, mundinho família, e partir pra um mundo





XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

maior, uma visão maior e ver a visão do mundo lá fora. Eu acho que é fundamental esse processo da Rede de formação mesmo. E é isso mesmo, a gente tem que tá se formando, se capacitando pra que a gente possa tá acordando nossas companheiras lá na comunidade, a vida não é só lá. A vida é um mundo todinho lá fora, e essa conjuntura política que tá aí nos afetando, essa seca braba também, eu acho que a gente tem que despertar e se capacitar mesmo, se formar mesmo, pra outras ações (M7).

As falas refletem principalmente em como as mulheres conseguem perceber que não são mais as mesmas ao participarem das “reuniões”, não estão mais reduzidas apenas à esfera privada dos seus lares, são capazes de falar, opinar, ocasionar mudanças, são agentes de suas mudanças e das mudanças ao seu redor.

O processo produtivo, conduzido pelas mulheres, também afeta diretamente o consumo e os hábitos alimentares da família, garantindo uma alimentação mais saudável e a segurança alimentar de todos(as). A produção é, em grande medida, para o próprio consumo como podemos verificar na fala de M6:

O que motivou porque eu desde eu criança eu já trabalho assim na terra, meus pais agricultor, e criou a gente sempre cultivando terra, plantando, limpando, ajudando a colher e tudo, então toda vida tive vontade de trabalhar numa coisa assim... melhor ne... num grupo, produzindo o próprio alimento ne, pra dar uma sustentabilidade pra família e foi nesse intuito que a gente começou a trabalhar pra ter a renda da família, primeiramente pra família ne, então se aumentasse se desse a gente vendia e se não desse era pra o consumo ne, porque ai facilitava muito, então no conhecimento dos outros grupos a gente ficou com essa ansiedade de como era bom a gente passar o tempo trabalhando se alimentando do próprio trabalho da gente ne... e isso pra mim e acho que pra todas é muito interessante, a gente sabe o que que ta consumindo e já diminui o que você vai comprar ne.. além do que a gente leva pra casa agente o que vai comprar as coisas mais pouca porque a gente tudo a gente produz um pouco, então realizou meu sonho porque era um sonho que eu tinha de trabalhar com hortaliça e criação de galinha criação de porco tudo isso hoje eu





XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

faço mesmo com essa idade que eu estou mais agradeço muito a Deus porque ele ta dando essa oportunidade de eu ainda estar trabalhando graças a Deus e o que me motivou foi isso (M6).

A comercialização acontece apenas sobre o excedente do consumo doméstico. As mulheres reconhecem a sua contribuição para melhoria da alimentação familiar, influenciando na mudança de hábitos, garantindo mais segurança alimentar, principalmente pela diversidade produzida, além de conseguir uma boa economia, comprando somente o necessário para suas casas.

Outras conquistas desse processo estão diretamente ligadas ao novo lugar ocupado por essas mulheres dentro de seus lares, em relação aos seus protagonismos, de suas lutas e de suas próprias vidas:

[...]Agora ele (o marido) aceita, mas logo no início ele não queria que eu me envolvesse não, mas agora ele já vem pra feira, já vende mais eu, já vai pra horta, já me ajuda, que antes ele dizia que não tinha futuro, logo de início ele dizia “Sandrinha, isso tem futuro não”, eu dizia “pois se não tem pode deixar, eu to vendo que tem futuro”. Ele ficava

insistindo pra eu não... não vinha pra feira, as vezes eu tava aqui na banca e ele passava pra lá e pra cá mas fazia conta que aqui não existia, ai hoje ele chega aqui me ajuda do início ao fim, vende, vai pra horta, me ajuda na horta. (M1)

[...]Eu acho que o crescimento que a gente teve foi muito bom como pessoa, hoje a gente pode chegar, participar de eventos, tá participando dos espaços, antes a gente não participava desses espaços nenhum, e depois da formação de grupo a gente consegue fazer isso bem, convidada pra tá participando de vários espaços. Eu acho que é muito importante essa organização (M7).

Além disso, a maioria das mulheres encontra em suas companheiras o incentivo a continuar participando, a carona, o acolhimento e o reforço de que esse espaço já está contribuindo para mudar suas vidas e conquistar direitos e políticas. Assim, a solidariedade entre as mulheres também é uma prática que se fortalece nos processos de auto-organização.

Considerações

As práticas educativas se configuram como fator importante para o

www.redor2018.sinteseeventos.com.br





XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

desenvolvimento da condição de agente das mulheres, pois elas passam a assumir-se como sujeitos de sua história, conscientizando-se que precisam fazer mudanças necessárias para assumir essa nova condição. Este processo também contribui para modificar sua situação de opressão, expandindo suas liberdades e fortalecendo sua identidade como mulher de direitos, que podem fazer escolhas e decidir o que é melhor para suas vidas.

Dessa forma, podemos compreender que a participação e o engajamento político são elementos resultantes dos processos vivenciados pelas mulheres no espaço da rede e em outros espaços de participação, o que possibilita a essa mulher transformar o seu papel social e assumir uma postura mais ativa nas relações com sua família, sua comunidade e o seu grupo.

A economia feminista qualifica a economia solidária.

Referências

BONUMÁ, Helena. **As mulheres e a economia solidária: a resistência no cotidiano tecendo uma vida melhor**. 2015. TCC Ciências Sociais, UFRS. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/132849/000984396.pdf?sequence=1>>.

NOBRE, Miriam. Diálogos entre Economia Solidária e Economia Feminista. IN: FARIA, Nalu e Miriam Nobre (orgs). **A Produção do Viver: ensaios de economia feminista**. São Paulo: SOF. Cadernos Feministas, 2003.

RODRIGUES, Ana Cláudia SCOTT, Parry; SARAIVA, Jeíza das Chagas. **Onde mal se ouvem os gritos de socorro: notas sobre a violência contra a mulher em contextos rurais**. In: CORDEIRO, Rosineire; MENEZES, Marilda; SCOTT, Parry. **Gênero e Geração em Contextos Rurais** – Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos**. Investigar em Educação - IIª Série, Número 1, 2014.

FRANÇA FILHO, G. C. **Teoria e Prática em Economia Solidária. Problemática, Desafios e Vocação**, In: Civitas. Porto Alegre - PUCRS, v.7, n.1, jan-jun-2007.

